

Chunks aditivos de extensão: uma análise funcional centrada no uso

Additive extension *chunks*: a usage-based functional analysis

Ivo da Costa do Rosário*
ivorosario@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense

Milena Silva dos Santos**
milenasilva@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Com base nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, este trabalho tem como objetivo propor uma análise de quatro *chunks* aditivos de extensão atestados em língua portuguesa: *além de tudo*, *além do mais*, *além da conta* e *além do que*. Esses *chunks*, derivados da rede esquemática [Além de X,Y], são investigados em termos de composicionalidade e de analisabilidade (cf. BYBEE, 2016). A análise dos dados pauta-se em uma perspectiva sincrônica, de caráter quali-quantitativo, com base em postagens da rede social Twitter. Os resultados demonstram que os quatro *chunks* citados dispõem-se em uma escala de gradiência que reflete diferentes níveis de integração sintático-semântica. Além disso, cada *chunk* tem suas especificidades de uso e é recrutado para fins comunicativos diversos.
PALAVRAS-CHAVE: *Chunks*. Adição. Extensão. Além de

ABSTRACT: Based on the theoretical presuppositions of Usage-Based Functional Linguistics, this work aims to propose an analysis of four additive extension chunks attested in Portuguese: *além de tudo*, *além do mais*, *além da conta* and *além do que*. These chunks, derived from the schematic network [Além de X,Y], are investigated in terms of compositionality and analyzability (cf. BYBEE, 2016). The data analysis is done from a synchronic and quali-quantitative perspective, based on posts from the Twitter social network. The results demonstrate that the four mentioned chunks are arranged in a gradient scale that reflects different levels of syntactic-semantic integration. Furthermore, each chunk has its specific usage and is recruited for different communication purposes.

KEYWORDS: Chunks. Addition. Extension. *Além de*.

Considerações iniciais

* Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professor Associado da Universidade Federal Fluminense. Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq).

** Mestranda em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense.

Em Rosário e Santos (2020), fizemos uma investigação das construções oracionais instanciadas por *além de*. Normalmente esse conector está excluído das abordagens tradicionais, por conta de seu comportamento divergente em relação ao padrão coordenativo que caracteriza a conexão aditiva típica em português, instanciada por *e*. A conclusão geral a que chegamos é que as construções com *além de* fazem parte de um grande domínio da adição e se enquadram no processo sintático denominado *Hipotaxe de Extensão*, nos termos de Halliday (2004). Eis um dado representativo desse *type*:

(1) “Hoje, em um momento de prosa só nossa, aquele patatipatatá de mãe e filho, Caio começou a me contar umas historinhas, misturando referências reais e imaginárias, que, [**além de** me divertirem muito], me ensinaram um pouco mais sobre a incrível capacidade dos pequenos de elaborarem os aprendizados, as vivências, e também as influências e estímulos (nem sempre positivos) que o mundo lhes oferece o tempo todo.” Fonte: <http://aprendiz-de-mae.blogspot.com/>

Em (1), observamos que a oração introduzida por *além de* não apresenta a independência sintático-semântica típica das coordenadas aditivas. No dado indicado, a oração está intercalada e reflete um nível de maior integração com a que lhe sucede, pois “além de me divertirem muito” atua como uma margem da oração “me ensinaram um pouco mais sobre a incrível capacidade dos pequenos”. Ademais, está em cena uma noção distinta da “adição pura”, como se destacará em mais detalhes adiante. Por conta de suas características, a oração aditiva instanciada por *além de* pode ser denominada como uma construção hipotática oracional aditiva de extensão (CHOAE).

De fato, a ligação entre a oração instanciada por *além de* e sua matriz reflete um tipo de combinação menos integrado, mais distenso que as chamadas hipotáticas de realce (cf. HALLIDAY, 2004). É por isso que orações introduzidas por *além de* são mais bem definidas como casos de *hipotaxe de extensão*, justamente devido ao seu caráter de acréscimo, e não de intensificação ou qualificação circunstancial. No que tange ao eixo lógico-semântico, temos a noção de *ultrapassamento*. Assim, *além de* não apenas adiciona informações (em termos genéricos), mas “transpõe”, “extrapola”, “ultrapassa” um estado-de-coisas, o que, nesses casos, confere à adição uma especialização de sentido.

Huerta e Toledo (2016) evidenciam que *aquém (de)* e *além (de)* delimitam transferência de um limite existente entre duas áreas distintas. De fato, *além de* carrega essa característica de ultrapassar algum limite imposto, como se verificou em

Rosário e Santos (2020). Esse é um sentido básico presente, com diferentes gradações, em todas as instanciações de *além de*.

No escopo desta investigação, detectamos que alguns usos de *além de* apresentam comportamento sintático-semântico distinto do verificado no conector oracional que introduz as CHOAE. Esses dados apontam para a existência de *chunks* com variadas configurações, quais sejam: *além de tudo*, *além do mais*, *além da conta* e *além do que*. Esses quatro chunks não constituem uma lista exaustiva, haja vista, por exemplo, a existência de *além disso* no português em uso. Contudo, neste trabalho, operamos um recorte e investigamos especificamente as propriedades desses elementos, aqui chamados *chunks aditivos de extensão* (CAE).

Para o desenvolvimento deste estudo, apoiamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), com destaque para o modelo de Gramática de Construções (GOLDBERG, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Nessa perspectiva, entendemos que toda gramática de uma língua natural é formada por pareamentos simbólicos de forma-significado, ou seja, construções.

Uma das defesas mais importantes da LFCU é que a língua precisa ser investigada considerando-se o uso e o contexto (FURTADO DA CUNHA; BISPO, SILVA, 2013), que são sempre diversos e maleáveis. Por isso, a perspectiva teórica aqui adotada defende uma visão menos rígida das categorias gramaticais. Em outras palavras, as categorias são fluidas e gradientes, em uma situação de convivência de formas mais concretas e abstratas, sempre marcadas por um jogo de estabilidade e instabilidade. Aliás, é justamente essa visão fluida e maleável da língua que permite abrigar *além de* no rol dos conectivos aditivos. Sua identificação com a categoria dos advérbios (por conta de sua base espaço-temporal) e sua não prototipicidade morfossintática (em função de ligar somente orações finitas) fazem com que esse elemento seja mais marginal.

O *chunking* é um conceito central neste trabalho. À luz de Bybee (2016), entendemos que esse processo de domínio geral faz parte da cognição humana e, por esse motivo, tem escopo mais amplo que a linguagem verbal em si. No campo dos estudos linguísticos, o *chunking* faz com que duas ou mais palavras usadas frequentemente juntas sejam embaladas como uma única unidade linguística, dotada de um significado próprio, normalmente não derivado (apenas) de suas subpartes. Defendemos que esse mesmo fenômeno é o que permite a existência de *além de*

tudo, além do mais, além da conta e além do que em uso no português, com diferentes níveis de composicionalidade e de analisabilidade.

Feitas essas considerações iniciais, informamos que este artigo se organiza em cinco partes. Na seção 1, tratamos dos fundamentos teóricos mais centrais da LFCU, com foco no processo de *chunking*. Na seção 2, apresentamos algumas decisões metodológicas para o desenvolvimento do trabalho. Na seção seguinte, passamos à análise de dados propriamente dita. Por fim, expomos algumas considerações finais.

1 Linguística Funcional Centrada no Uso

Este trabalho baseia-se na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a qual surge da simbiose entre a Linguística Funcional clássica norte-americana (LF) e a Linguística Cognitiva (LC), sobretudo na incorporação de pressupostos da Gramática de Construções (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Essas correntes teóricas articulam-se para dar conta da análise de dados de língua real, de modo mais holístico, atentando simultaneamente para aspectos formais e funcionais.

O impacto da Gramática de Construções (GC) nos estudos funcionalistas provocou uma mudança na própria concepção de gramática, que passa a ser vista como um grande inventário de pareamentos simbólicos de forma e significado (GOLDBERG, 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; CROFT, 2001), chamado *constructicon*. Esses pareamentos variam em sua natureza, sendo atômicos ou complexos, procedurais ou lexicais, esquemáticos ou substantivos, com diferentes gradações.

De acordo com os princípios básicos da GC, a construção é o elemento central, básico da gramática, constituída de propriedades formais e funcionais. Por meio de diferentes processos e fenômenos, as construções emergem e se convencionalizam na língua, tornando-se unidades simbólicas disponíveis na mente dos falantes. São esquematizadas em redes de nós ligados por elos, de modo que “a ideia de rede reflete o fato de que a língua é um sistema de entidades interconectadas, o que ecoa, de certo modo, a caracterização saussuriana de língua como sistema de termos interdependentes” (CEZARIO e LACERDA, 2016, p. 19).

Para a análise das construções de uma língua, Traugott e Trousdale (2013) elencam três fatores: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. O primeiro configura o grau de abstração das construções, que pode se alocar no nível

do esquema, do subesquema ou das microconstruções. Esses três níveis são organizados em redes, de modo que todos eles são ligados por nós e elos. Os esquemas são as estruturas mais abstratas, com menos ou nenhum *slot* preenchido. Os subesquemas, por sua vez, localizados no intermédio da rede, configuram as construções parcialmente esquemáticas, licenciadas pelos esquemas. Por fim, as microconstruções são as unidades mais baixas da hierarquia, formando os *types* que serão atestados nos constructos, ou seja, nas ocorrências empíricas. A produtividade diz respeito à extensibilidade da construção, à sua capacidade de licenciar ou restringir outras formas menos esquemáticas. Por sua vez, a composicionalidade aponta o nível de transparência entre a forma linguística e o seu significado prototípico, experiencial e convencionalizado.

Como já indicado aqui, Bybee (2016) entende que a língua é impactada por processos cognitivos de domínio geral. Para a autora, diferentemente da concepção inatista de Chomsky, as estruturas linguísticas estão associadas a muitos mecanismos cognitivos de natureza universal, que não são específicos à língua. Considerar a linguagem sob esse ponto de vista nos faz reconhecer sua complexidade e exata dimensão, visto que variados fenômenos experienciais podem moldá-la, sempre com base no uso.

Bybee (2016) apresenta cinco processos cognitivos de domínio geral, a saber: categorização, memória enriquecida, analogia, associação transmodal e *chunking*. Assim, categorizar os elementos do mundo, realizar comparações (analogias), memorizar detalhes e outras ações são experiências típicas dos seres humanos. Neste trabalho, vamos focalizar o processo de *chunking*, devido aos objetivos inicialmente traçados.

O *chunking* é um fenômeno atuante na memória humana, responsável pela habilidade que temos de sequenciar estruturas, recursivamente, repetidas vezes, até que se tornem um agrupamento de palavras – um *chunk*. Como já exposto aqui, o uso é o principal ingrediente na variação e na mudança. Por sua vez, o fator central que possibilita a ocorrência do *chunking* é a repetição. Sequências de palavras que são utilizadas muitas vezes juntas, isto é, que possuem alta frequência de coocorrência, tendem a se fixar na mente do falante como uma unidade de forma e sentido, ou seja, como um bloco ou agrupamento. É por essa razão que, no Funcionalismo, defendemos que “expressões convencionalizadas, das pré-fabricadas às idiomáticas

e às construções, podem ser consideradas *chunks* para fins de processamento e análise" (BYBEE, 2016, p. 66).

Quando o significado de uma estrutura complexa é construído a partir do significado da soma das subpartes, dizemos que a construção é [+ composicional]. Por outro lado, essa composicionalidade pode se perder gradativamente, o que é muito natural quando uma sequência sintagmática é embalada na memória como uma unidade. A perda crescente de composicionalidade é diretamente proporcional ao efeito do *chunking*. Em outras palavras, quanto mais há perda de composicionalidade, mais há fixação do *chunk* na memória.

Como consequência da repetição de agrupamentos, o processo cognitivo de *chunking* pode acarretar perda de transparência semântica e perda de analisabilidade. A analisabilidade consiste no reconhecimento das propriedades morfossintáticas das palavras (LANGACKER, 1987; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Bybee (2016, p. 80), a fim de estabelecer distinção entre esses conceitos, aborda a expressão idiomática em inglês *pull strings* ("mexer os pauzinhos"). O significado desse *chunk* tem a ver com "recorrer a conhecidos para realizar o que se deseja". Em termos de composicionalidade semântica, verificamos que a soma das partes (o que seria literalmente "puxar + fios ou cordas") não resulta no significado dessa construção, pois o sentido de "*pull strings*" é compartilhado convencionalmente dentro da comunidade linguística com outro sentido. Com relação à analisabilidade, temos um verbo ("pull") + complemento ("strings"), o que espelha um padrão morfossintático comum do inglês (e também do português). A autora destaca que esse tipo de ocorrência é raro, pois, no geral, a perda de composicionalidade provoca perda de analisabilidade.

Novas construções aparecem na língua porque, como falantes, temos necessidade de inovar para atender a novos propósitos sociocomunicativos. Às vezes, um determinado uso sofre desgaste em função da alta frequência. Diante disso, em virtude da necessidade de maior expressividade e de maior força pragmática, recorreremos a estruturas já existentes para construirmos outras construções. Essa é a razão para haver redes construcionais tão diversas nas línguas humanas.

2 Procedimentos metodológicos

Os trabalhos baseados na LFCU demandam a adoção de um importante conjunto de procedimentos metodológicos. O principal procedimento é a investigação baseada não em frases inventadas *ad hoc*, mas em dados extraídos empiricamente de *corpora* de língua em uso.

As análises, via de regra, podem ser de cunho qualitativo, quantitativo ou qualiquantitativo (também chamado de método misto), quando se reúnem ambas as perspectivas anteriores. Neste artigo, efetuamos uma análise mista ou qualiquantitativa (LACERDA, 2016). Por um lado, o aspecto quantitativo nos permite ter noção estatística do objeto, de modo que podemos averiguar a sua recorrência na língua em uso. Já quanto ao aspecto qualitativo, procuramos descrever o objeto de forma detalhada, considerando o contexto em que se insere e suas propriedades gerais e específicas.

Optamos por coletar os dados deste trabalho a partir da rede social *Twitter* (<https://twitter.com>)¹, onde foi possível atestar alta frequência de *além de tudo, além do mais, além da conta e além do que*, normalmente em ocorrências de caráter mais coloquial.

Como se trata de uma rede *on-line*, em que os usos se atualizam a todo instante, não foi possível quantificar todos os dados existentes de determinado *type*. Dessa forma, para o nosso mapeamento, optamos por fazer um recorte, extraindo 25 *tokens* de cada *type* selecionado para esta pesquisa. Fizemos essa opção por considerarmos que um universo de 100 dados seria suficiente para comprovar a recorrência desses agrupamentos, a partir de uma análise detalhada e produtiva, o que supre os objetivos deste trabalho.

A pesquisa proposta é de caráter sincrônico, isto é, os dados são do português brasileiro contemporâneo, mais especificamente de todo ano de 2020 e dos primeiros meses de 2021. Por fim, acrescentamos que a coleta empreendida para este trabalho foi realizada no primeiro semestre de 2021, em diferentes perfis da rede *Twitter*, aleatoriamente selecionados, coletados à medida que a rede social os apresentava no *feed*. Assim, evitamos o enviesamento das análises.

¹ O *Twitter* pode ser definido como uma “rede social virtual pública e dinâmica de relacionamentos, na qual as pessoas e empresas encontram-se conectadas para partilhar e compartilhar os mais variados interesses, desde ampliar as relações pessoais entre amigos, até estabelecer contatos com desconhecidos e/ou clientes. Assim como o *Facebook*, o *Twitter* tem, em sua inspiração, a funcionalidade de um *blog* quando compreendido como um ambiente que permite o registro cronológico de opiniões, emoções, imagens ou qualquer outro conteúdo escolhido pelo usuário” (DIOGUARDI, 2014, p. 30)

Na seção seguinte, vamos explorar alguns dados representativos de cada *chunk aditivo de extensão*. A partir dos dados, lançaremos algumas reflexões sobre os graus de composicionalidade de analisabilidade de cada *chunk*, sob a hipótese de que esses usos se distribuem em uma escala crescente de integração sintático-semântica.

3 Análise de dados

Nesta seção, antes de adentrarmos na análise dos *chunks* de extensão propriamente ditos, tecemos alguns comentários gerais sobre as *microconstruções aditivas de extensão* (MAE), com base em um estudo realizado em etapa anterior a este trabalho. Julgamos esse ponto importante, pois assim compreendemos melhor a arquitetura da rede construcional [Além de X, Y], à qual as CAE estão ligadas.

Em seguida, focalizamos os *chunks aditivos de extensão* (CAE). A análise de cada *chunk* em particular permitirá a apreensão de seus traços característicos (em termos formais e funcionais) para, na última subseção, apresentarmos uma escala com os graus de composicionalidade de analisabilidade de *além do mais*, *além de tudo*, *além do que* e *além da conta*.

3.1 Esquema [Além de X, Y]

O tema central deste artigo - os *chunks* aditivos de extensão - está associado a outros nós no *constructicon* do português. Conhecer um pouco melhor essa arquitetura é importante, para que tenhamos uma visão mais geral do fenômeno aqui em estudo.

Em trabalho anteriormente realizado, tomamos um dos *corpora* do NUPACT (disponível em <https://www.ufjf.br/nupact/>) como referência. A organização desses *corpora* foi realizada em três grupos: *corpora* sincrônicos orais, *corpora* sincrônicos escritos e *corpora* diacrônicos. Os dados desse estudo foram extraídos especificamente da modalidade escrita sincrônica, contemplando revistas e blogues da internet, datados desde o início do século XXI.

Esses materiais são distribuídos em três diferentes níveis de formalidade: nível 1 (blogues pessoais), nível 2 (revistas informais, sobre questões do cotidiano) e nível 3 (revistas formais, sobre política, educação e outros assuntos de interesse público). Com base em um universo de 2.700.000 palavras, chegamos aos seguintes resultados na 1ª fase da pesquisa:

Tabela 1 – Frequência token de cada type da 1ª fase de pesquisa

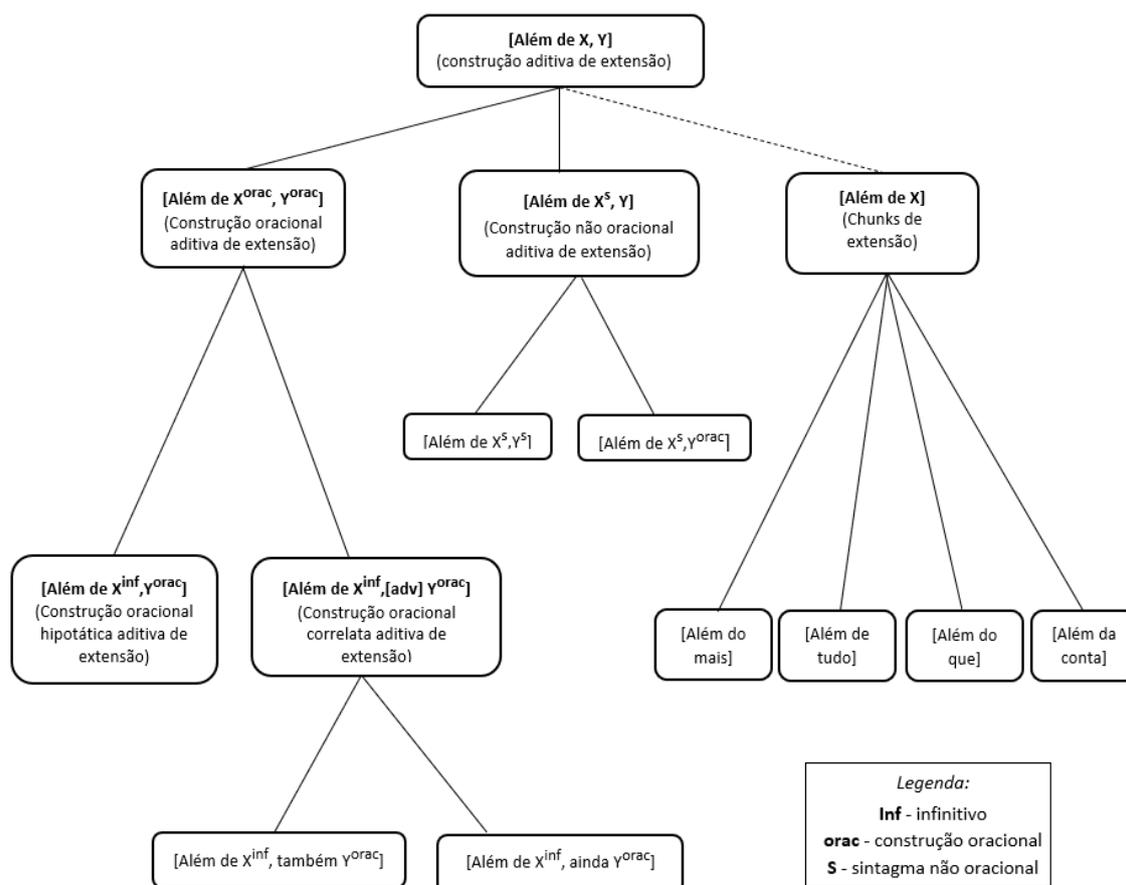
TYPES	Revista Informal	Revista Formal	Blogues	Total	%
Além de X, Y (não oracional)	110	113	54	277	63,9%
Além de X, Y (oracional)	46	30	26	102	23,5%
Além de X, também Y	8	6	5	19	4,3%
Além de X, ainda Y	3	4	3	10	2,3%
<i>Chunks</i>	14	3	9	26	6%
Total	181	156	97	434	100%

Fonte: Autoria própria

Esse primeiro levantamento permitiu que atestássemos 434 ocorrências de *além de*, em diferentes configurações morfossintáticas. Como já era esperado, houve maior frequência de ocorrência de construções não oracionais (63,9%), já que esse conector normalmente cumpre o papel de introduzir adjuntos adverbiais (segundo nomenclatura tradicional). Em seguida, há as construções hipotáticas oracionais de extensão (CHOAE), com 23,5% do total dos dados. Nas CHOAE, a oração introduzida por *além de* é sempre utilizada com verbo no infinitivo. Na sequência, há os *types* que integram a correlação aditiva, configurada como "além de X também Y" e "além de X ainda Y", na frequência de 4,3% e 2,3%, respectivamente. Por último, há os *chunks aditivos de extensão* que, naquela coleta, somavam 26 dados, totalizando 6% das ocorrências.

Essas diferentes configurações da rede [Além de X,Y], arroladas na Tabela 1, podem ser representadas por meio do esquema a seguir:

Esquema 1. Rede construcional de [Além de X,Y]



Fonte: Autoria própria

À primeira vista, precisamos enfatizar que essa rede apresenta mais níveis do que a clássica representação tripartite ilustrada por Traugott e Trousdale (2013), formada por esquema, subesquema e microconstrução. De fato, nem todos os fenômenos linguísticos podem ser representados esquematicamente por meio de uma rede de apenas três níveis.

A análise dessa rede, bastante complexa, permite constatar o alto grau de produtividade da construção [Além de X, Y], uma vez que muitas microconstruções de natureza extensiva são licenciadas por ela. Em um nível subesquemático, temos:

- a) [Além de X^{orac} , Y^{orac}] - construção oracional aditiva de extensão;
- b) [Além de X^s , Y] - construção não oracional aditiva de extensão;
- c) [Além de X] - *chunks* de extensão.

É importante notar que o esquema, os subesquemas e a maioria das microconstruções são parcialmente esquemáticos. No caso dos *chunks* aditivos de

extensão, que é o foco deste trabalho, notamos uma relação mais distensa com o esquema, em decorrência do preenchimento do *slot* X, comumente aberto nas demais microconstruções da rede. O preenchimento dessa subparte gera duas consequências que enfraquecem sua ligação com o esquema mais abstrato [Além de X, Y]: a redução estrutural das microconstruções e, como consequência, uma maior restrição em termos semântico-pragmáticos. A redução estrutural se dá em termos do preenchimento em si, já que um *slot* aberto, em tese, permitiria possibilidades mais variadas em termos de configuração morfossintática, como usos oracionais (hipotáticos e correlatos) e não oracionais diversos. Por sua vez, a restrição semântico-pragmática decorre da questão estrutural: o preenchimento das subpartes (*mais*, *que*, *conta* e *tudo*) bloqueia a combinação de *além de* com outros elementos linguísticos do português, fazendo com que esses *chunks* se especializem semanticamente em quatro usos funcionais específicos, que são os veiculados por *além do mais*, *além do que*, *além da conta* e *além de tudo*.

3.2 *Chunks* aditivos de extensão

Uma vez explorado o esquema [Além de X, Y] em linhas mais gerais, passemos agora ao foco deste texto, que são os *chunks* aditivos de extensão propriamente ditos. Mapeamos, ao todo, 100 ocorrências, sendo 25 de cada *type*: *além do mais*, *além do que*, *além da conta* e *além de tudo*. Nas subseções seguintes, vamos analisar alguns dados e apresentar as propriedades principais que caracterizam cada um desses *chunks* selecionados para investigação.

3.2.1 *Chunk* além de tudo

No caso desse primeiro *chunk* em análise, o segmento "além de" liga-se a um pronome indefinido: "tudo". Segundo Bechara (2015), o pronome é a classe gramatical que possui função fórica, referindo-se aos seres do discurso e às palavras do texto e do contexto.

O *chunk* "além de tudo" tem função encapsuladora, o que é propiciado justamente pela subparte "tudo". Assim, esse *chunk* tem a função de recuperar

informações, com caráter anafórico, para, em seguida, adicionar dados ainda não explicitados. Vejamos:

(2) Gente, eu sei que eu to magra, sei que to amarela, com a cara abatida, com muita olheira... Eu tenho espelho em casa, eu tenho celular, inclusive, tbm n me perguntem pq eu n posto mais foto... **além de tudo**, eu tenho essas pessoas que estão sempre me lembrando de como eu estou, e+ se isso for preocupação, eu já estou me tratando, só não falem mais na minha cabeça pq esta me deixando pior <https://twitter.com/mariassnt/status/1350205034164858882>

(3) Eu sou cheirosa, carinhosa tenho responsabilidade afetiva e **alem de tudo** interessante vc acha q eu vou perder tempo com vc q não sabe oq quer da vida ? Vou pq sou tudo isso mas não tenho vergonha na cara <https://twitter.com/ComentaNicxs/status/1353358030264553473>

(4) Ai [@jairbolsonaro](https://twitter.com/jairbolsonaro) seu vagabundo. O país que você - infelizmente - preside, tem vacinas aprovadas e nenhum pronunciamento? Tá analisando primeiro o que o teu gado negacionista quer ouvir né, seu merda? **Além de tudo** você é do mal, uma pessoa pode mesmo. Vai se foder. <https://twitter.com/arturprof13/status/135092543549282>

No contexto de uso do dado (2), a usuária do Twitter enumera diversas características, consideradas negativas, existentes no que parece ser um momento difícil para ela. A internauta afirma saber de todos os problemas pelos quais está passando e reclama das pessoas que a lembram de tais infortúnios. Utiliza o *além de tudo* como recurso coesivo capaz de, por um lado, englobar todos os elementos mencionados anteriormente e, de outro, somar mais uma informação. Deve-se acrescentar, ainda, que é comum a emergência de um certo valor contrastivo no uso de *além de tudo*. Esse contraste é desencadeado pela diferença entre informações já mencionadas e informações adicionadas.

Em (3) e (4), temos usos similares a (2). Nesses casos, *além de tudo* encapsula os fatos anteriormente citados, o que é desencadeado sobretudo pela subparte "tudo". Esse encapsulamento pode ocorrer em função de informações positivas (como em 3) ou negativas (como em 4). Concomitantemente, dá-se a noção de ultrapassamento, como é comum a todo esquema [Além de X, Y].

Um detalhe digno de nota em (3) é que *além de tudo* é usado logo após a conjunção coordenativa clássica e. Essa coocorrência indica que ambos ("e" e "além de tudo") cumprem papéis distintos no discurso, no sentido de que são dois matizes diferentes de adição. De fato, o primeiro conector ("e") coordena, desencadeando um

efeito de sequenciamento na narrativa. Já o segundo ("além de tudo") imprime ao texto uma ideia de ultrapassamento, acréscimo ou extensão.

Como vemos, esse *chunk* possibilita a recuperação de informações precedentes, o que é desencadeado pelo uso de *tudo*, que imprime um valor fórico à microconstrução. Tendo essas informações em vista, consideramos que essa microconstrução é [+ composicional], por conta da semântica preservada na sua estrutura interna, e [+ analisável], devido ao reconhecimento morfossintático dos seus elementos constituintes. Logo, esse *chunk* é bem menos opaco que os demais, como demonstraremos a seguir.

3.2.2 *Chunk além do mais*

A forma *além do mais* é frequentemente utilizada como uma espécie de operador argumentativo ou conector interperíodos, semelhante ao “além disso”. A partir do seu uso, um dos efeitos de sentido possíveis é a emergência da ideia de quebra de expectativa. Observemos alguns dados:

(5) Aos policiais de follow: Minha gente, eu trabalho, não tenho nem tempo de acompanhar os cancelamentos da rede. **Além do mais**, eu sigo milhares de pessoas nas redes, inclusive pessoas que eu discordo. Não confundam a minha lista de follows com a minha lista de amigos.
<https://twitter.com/PauloVieiraReal/status/1309293042445230085>

(6) Depressão e ansiedade são zuados demais. Por mais que tome remédio todos os dias, uma hora vai cair (de novo) e é uma merda foda. **Além do mais**, infelizmente ou felizmente, não somos seres solitários né. Então quando vem a queda você acaba levando, querendo ou não, alguém junto.
<https://twitter.com/FelipCanuto/status/1307877256983908352>

(7) . Vocês tão ligados que intolerância religiosa tá pautada como crime na legislação brasileira, né? **Além do mais**, a DUDH, no artigo 18, afirma que “toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião [...]”. O MÍNIMO que vocês têm que fazer é respeitar.
<https://twitter.com/havenfilter/status/1305548473354330112>

No dado (5), o internauta tem como objetivo fornecer alguns recados “aos policiais de follow”, para justificar o fato de não acompanhar todos os “cancelamentos” da internet. Em defesa desse ponto, primeiramente, ele argumenta que trabalha e, por isso, não tem tempo para estar o tempo todo conectado. Para introduzir o seu segundo

argumento, seleciona o *chunk além do mais*, que funciona como operador responsável por veicular uma maior visada argumentativa, a fim de adicionar o fato de que segue muitas pessoas nas redes sociais. Vale destacar que, logo em seguida, o usuário lança mão do “inclusive”, para incluir mais um argumento que justifica o fato de ele não acompanhar tudo na internet.

Os dados (6) e (7) seguem a mesma linha de análise do dado explorado no parágrafo anterior. Em (6), a informação a ser defendida é que “depressão e ansiedade são zuados demais”. Em (7), o tópico é o respeito às diferentes religiões. Em ambos os casos, *além do mais* serve para adicionar informações, desempenhando uma espécie de função retroativo-propulsora (cf. TAVARES, 2003), já que há uma ponte (devido ao seu papel de conector) entre o que é afirmado anteriormente e a informação que será adicionada.

Quanto aos aspectos semântico-pragmáticos, notamos algumas diferenças desse *chunk* em relação aos outros *types* que instanciam o *além de* nos CAE. A informação subsidiada por *além do mais* parece não ter (tão forte) o traço de ultrapassamento, comum à maioria das outras microconstruções de extensão do esquema [Além de X,Y]. Isso fica mais claro nos dados (6) e (7). Em (6), por exemplo, o *chunk* exerce um papel de comutador de tópico; em (07), a função é de acréscimo de argumentos. De fato, o operador argumentativo aqui em foco, nos exemplos investigados, funciona como um conector capaz de auxiliar na enumeração dos argumentos, todos com carga relativamente similar, em termos de força argumentativa. Assim, esse *chunk* apenas acrescenta algo “a mais”, e não necessariamente uma informação que destoe dos anteriores em termos de uma maior proeminência.

No caso de *além do mais*, a transparência semântica das subpartes é parcialmente opaca, e o grau de integração dos seus elementos constituintes é relativamente fixo. Nesse *chunk*, a presença do elemento “mais” torna a microconstrução um pouco mais abstrata que *além de tudo*.

Para esclarecer melhor esse tópico, vejamos o dado (8):

(8) “Tem coisas que deixam a gente passada, né? É bem assim que fiquei aqui, do outro lado da telinha, vendo essas fotos da Giovanna Ewbank e Daniella Cicarelli no desfile da Lu Monteiro, que aconteceu ontem em São Paulo. **Além dos** vestidos lindos (o que é essa oncinha da Ewbank? De matar! Quero djá!), olha o top de rendinha da Cicarelli. Lembra que

comentei como esse tipo de sutiã salva a vida de qualquer closet?”
<http://contigo.abril.com.br/blog/lala/category/blog-da-lala/>

No dado (8), subsequente ao *além de*, temos o sintagma nominal “os vestidos lindos”. Esse sintagma faz referência às roupas utilizadas pelas artistas no desfile, ou seja, diz respeito a um referente previamente citado no texto (ou inferido a partir de pistas contextuais). Já no dado (5), assim como em (6) e (7), o “mais” não recupera discursiva nem gramaticalmente nenhum elemento anteriormente citado.

Finalizando a análise deste *chunk*, é importante ressaltar que o falante provavelmente recruta o elemento “mais” para instanciar essa construção por conta de sua carga semântica prototípica de acréscimo. Defendemos que esse uso exhibe nível intermediário de composicionalidade e de analisabilidade, em um grau maior que *além de tudo*.

3.2.3 *Chunk além da conta*

O *chunk além da conta* exhibe um aspecto que se diferencia dos demais analisados: não se estabelece por meio de uma estrutura de díade. Ou seja, seu modo de funcionamento não exige outra oração que se relacione com o *chunk*. Além disso, vem sempre posposto ao verbo. Vejamos alguns dados empíricos:

(9) Eu jurei pra mim mesma que ia respeitar a arte dos outros e o preço dela, tava indo bem até ver um indivíduo divulgando a dele aqui no twitter... É bonitinho, mas o preço é muito **além da conta** pra uma coisa SUPER minimalista, fiquei julgando na minha cabeça aqui
<https://twitter.com/starofsirrah/status/1347259539255664640>

(10) Kara vai fazer 30 anos e é toda certinha, mas durante uma comemoração bebe **além da conta** e acaba transando com Lena, uma amiga da faculdade. O problema é que ela é noiva de seu melhor amigo, James, de quem será madrinha de casamentos. <https://twitter.com/ltsScarllly/status/1320545725512560640>

(11) que coisa mais gostosa ter alguém que sonhe seus sonhos, que cuide de você, que faça questão de você estar perto, sair pra beber juntos, dormir juntinhos, te mime **além da conta**... as vezes a gente recebe tão pouco e surpreende quando recebe pelo menos o necessário
<https://twitter.com/dudarogedo/status/1348830905167704067>

Os três dados ilustrados nesta subseção apresentam a mesma estrutura e a mesma funcionalidade semântico-pragmática, de modo que *além da conta* excede

limites impostos. No exemplo (9), a internauta afirma que estava determinada a respeitar “a arte dos outros e o preço dela”, mas considera que o preço “é muito além da conta”. Ou seja, a forma “além da conta” tem a função de imprimir ao discurso a ideia de que o preço dessas obras excede o que, para ela, é aceitável. Há uma ideia de ultrapassamento do que, em sua avaliação, seria cabível.

Em (10) e em (11), há a mesma estrutura, com a mesma carga lógico-semântica. No contexto de (10), há uma situação em que a referente Kara bebe de maneira exagerada, o que gera consequências graves. Em (11), a falante descreve os benefícios de ter um(a) companheiro(a) que a mime em excesso. Em ambos os casos, o *além da conta* é inserido para configurar uma clara noção de ultrapassamento.

Consoante o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2007), “conta” é um substantivo feminino que possui diversos papéis semântico-pragmáticos, os quais são, em sua maioria, referentes a valores numéricos. Pode ser o ato de contar, como na matemática, ou o nome do documento que se recebe em um restaurante, por exemplo, para pagar o que foi consumido. Dessa maneira, em ambos os casos, esse substantivo carrega a existência de valores fixos, pré-estabelecidos, tal como em um cálculo de adição.

Em função de suas características, esse é um uso [- composicional], pois o termo “conta” está bastante metaforizado. Ademais, é um uso [- analisável], já que o elemento nuclear prescinde de termos integrantes ou acessórios que cumpram o papel de especificá-lo. Afinal, “além da conta” não precisa de complementação para ser utilizado no discurso, como se verificou em (11).

3.2.4 *Chunk além do que*

Este *chunk* é o mais diferenciado no âmbito das CAE, com um comportamento bastante idiossincrático. É provável que *além do que* tenha se originado a partir de usos como o ilustrado em (12):

(12) O Chá revelação foi perfeito a decoração esta muito **além do que** eu imaginava eu to apaixonada, tudo lindo e delicado!! Minha irmã e minha tia arrasou muito na decoração!!

https://twitter.com/Thaaays_22/status/1353498593093681152

Em (12), *além do que* não é um *chunk*, tendo em vista uma sensível fronteira sintática entre "além" e "do que eu imaginava..." Não se trata, portanto, de um uso fixo, embalado como uma unidade. Esse dado (12), contudo, nos permite pensar na hipótese plausível de que o *chunk além do que* tenha se originado de usos como esse, em que o elemento *que* cumpre o papel original de pronome relativo. Em outras palavras, usos como o atestado em (12) poderiam ser associados à noção de contexto atípico (cf. DIEWALD, 2006), ou seja, uma situação em que há precondições para o processo de mudança, mas não a mudança efetivada em si.

Essa carga de pronome relativo, de alguma maneira, guarda traços de persistência (cf. HOPPER, 1991) em alguns usos do *chunk além do que*. Afinal, a pesquisa empírica constatou que esse recurso é empregado na língua para fazer referência a informações contidas previamente no texto ou no suposto conhecimento compartilhado dos interactantes. Por outro lado, em outras situações, esse valor original do *que* já não é tão verificável, já que muitas vezes estão em cena elementos totalmente novos. Vejamos:

(13) Pessoal falando "ah é só vagabundo que tá morrendo, não se preocupem" se fosse alguém da família de vocês, não estavam falando isso. **Além do que** bala não escolhe quem vai acerta, todo mundo tem mais é que se resguardar mesmo.
<https://twitter.com/lexPoc1/status/1309543211833143297>

(14) Saber cozinhar, trocar fraldas, limpar casa e lavar roupas nos dias de hoje é quase que obrigação, pois hoje quase tudo é tarefa dividida e **além do que** não diminui nenhum homem!!
<https://twitter.com/casseanoRenato/status/1307970115678371842>

(15) Escravagistas: Se uniram aos militares, pois após a abolição da escravatura, não foram indenizados. **Além do que**, a abolição não consistia apenas em LIBERTAR, mas também RESSARCIR e inseri-los na sociedade. O Império, junto com a Igreja, iam educar e capacitar os negros +.
<https://twitter.com/otaldofrost/status/1351300857690787841>

Observamos, nos três dados anteriores, que o agrupamento *além do que* exerce a função de operador argumentativo de acréscimo, assim como ocorre com o uso de *além do mais* e, de forma menos parecida, com o *além de tudo*. No dado (13), o usuário defende que todos precisam se proteger de bala perdida. Primeiramente, traz uma crítica àqueles que dizem "ah é só vagabundo que tá morrendo, não se preocupem", com o argumento de que "se fosse alguém da família de vocês, não estavam falando isso". A fim de complementar sua argumentação, recorre ao *chunk*

além do que, usando-o como operador argumentativo de adição, para incluir a ideia de que “bala não escolhe quem vai acertar” (sic). Por fim, conclui afirmando que “todo mundo tem mais que se proteger mesmo.”

Em (14), o internauta visa a desmistificar que homem não precisa saber fazer tarefas de casa. Ele enumera algumas atividades (saber cozinhar, trocar fraldas, limpar casa e lavar roupas) que, em seu ponto de vista, todos precisam dominar nos dias de hoje, já que as tarefas devem ser divididas. Finaliza com o argumento de que isso não “diminui nenhum homem”. Nesse dado, em específico, o uso do *chunk* não ocorre em um novo período. Ademais, é usado logo após a conjunção coordenativa *e*, o que comprova mais uma vez que *e* e *além do que* cumprem papéis distintos no discurso, já que carregam diferentes noções de adição.

Já em (15), há um uso semelhante a (13), em que o *chunk* em análise introduz outro período. O falante traz à tona um fato histórico (a época de abolição), expondo o destino dos escravagistas, que tiveram de se unir aos militares. O *chunk além do que* é inserido no discurso, para adicionar um possível motivo para esse acontecimento: “a abolição não consistia apenas em LIBERTAR, mas também RESSARCIR e inseri-los na sociedade”. Assim, os escravagistas não tinham mais papel algum na sociedade.

Quanto às propriedades semântico-pragmáticas, foi observado que a noção de ultrapassamento, de algo excedente, é bastante esmaecida. Do mesmo modo que o *além do mais*, o *chunk além do que* parece exercer papel de conector aditivo para dados que contam com uma força argumentativa semelhante à de outros anteriormente referenciados. Ao contrário, quando há o desejo de marcar claramente um desnível argumentativo, dentre os CAE, o falante tende a selecionar os *chunks além de tudo* e *além da conta*, que expressam melhor a ideia de ultrapassamento de limite ou fronteira.

A composicionalidade semântica das partes e a analisabilidade de *além do que* é ainda mais opaca. Segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2007) e a versão *online* do Michaelis², a partícula “que” pode ser conjunção, pronome, advérbio, preposição e interjeição, tendo várias subcategorias. Nos dados explorados em (13), (14) e (15), o “que”, presente na microconstrução *além do que*, não pode ser classificado de modo canônico, visto que não se integra a nenhuma dessas categorias

² Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>

citadas. A fronteira sintática observada após o uso de *além do que* (com sensível pausa na leitura) comprova esse estatuto especial do *que*.

Como já afirmado, é possível que o *que*, presente no *chunk* em análise, tenha derivado de construções relativas com conseqüente recategorização. Com isso, desencadeou-se a criação de uma nova microconstrução na língua, com novo pareamento de forma e significado. Logo, esse uso é o mais opaco de todos, com [-composicionalidade] e [-analísabilidade].

3.2.5 Escala dos graus de composicionalidade e analisabilidade dos CAE

Até este ponto, demonstramos como a língua é fluida. Afinal, *além de* combina-se com diversos outros elementos para expandir os seus valores semântico-pragmáticos. Esses diferentes usos podem ser vistos em um gradiente, com diferentes configurações.

Por meio da análise dos *chunks de extensão*, percebemos que, apesar de todos eles serem formados pelo mesmo processo de domínio geral e de terem uma mesma fonte comum (no caso, *além de*), cada um é marcado por um conjunto de especificidades que os diferenciam.

As diferenças nos níveis de composicionalidade e de analisabilidade são fundamentais para aferirmos esses graus diversos. Por isso, ordenamos esses quatro *chunks* aqui analisados em um gradiente, partindo do mais composicional e analisável até o mais fixo e opaco:

Esquema 2 – *continuum* de autonomia semântico-sintática



Fonte: Autoria própria

O esquema 2 nos mostra que o mais composicional e analisável dos *chunks* é o *além de tudo*. Como averiguamos, essa forma fixa possibilita a recuperação das funções semântica e gramatical de suas partes internas, que ficam bastante preservadas. Após essa microconstrução, temos o *além do mais*. A partir daí, o nível de abstração começa a se elevar, pois a subparte “mais” já não expressa tão

claramente a recuperação de elementos anafóricos, como o faz o *chunk além de tudo*. O *além da conta*, por sua vez, é mais abstrato que o *chunk* anterior, visto que o substantivo “conta” não carrega uma noção clara de adição como o “mais”. O nome “conta” está abstratizado e certamente é recrutado por haver uma certa similaridade com a ideia de limite. Por fim, constatamos que, no conjunto, *além do que* tem menos transparência semântica e menor analisabilidade, uma vez que já não é possível recuperar nenhuma função clara da partícula *que*, já destituída de seus traços típicos de pronome relativo.

Considerações finais

As microconstruções de extensão, mapeadas pelo conector *além de*, são, de fato, produtivas na língua e cumprem funções específicas no discurso. Apesar de quase ignoradas pela visão tradicional, por meio da Tabela 1 e da rede de construções das MAE, visualizamos quantidade significativa de *types* e variados subesquemas ligados ao esquema [Além de X, Y].

Comprovamos, dada a presença de elementos fixos no *slot* subsequente ao *além de*, a existência dos chamados *chunks de extensão*, ligados, mesmo que de maneira mais frouxa, ao esquema geral [Além de X,Y]. Ficou comprovado que esse subesquema dos *chunks* de extensão é, por si só, múltiplo e gradiente.

Na investigação de *além de tudo*, *além do mais*, *além da conta* e *além do que*, atestamos graus distintos de composicionalidade e de analisabilidade, o que nos permitiu traçar um *continuum* de integração sintático-semântica.

Por fim, também ratificamos o fato de que a linguagem é regida por processos cognitivos complexos, que emergem no uso. A necessidade de expressividade, como motor da mudança, fica nítida quando observamos a rede de microconstruções com *além de*. Por ser um conector de natureza aditiva muito frequente na língua, os falantes se baseiam em estruturas existentes para construir novas construções capazes de dar conta dos seus propósitos comunicativos.

Referências

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BYBEE, J. *Língua, Uso e Cognição*. Trad: Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CEZARIO, M. M.; LACERDA, P. F. A. C. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. In: CEZÁRIO, M. M.; OLIVEIRA, M. R. (Orgs.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói, RJ: Eduff, 2016. p. 17 – 46.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. A model of relevante types in contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006. p. 103-120.

DIOGUARDI, G. *Argumentação e redes sociais: o tweet como gênero e a emergência de novas práticas comunicativas*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo, 2014

FERREIRA, A. B. H. *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2007.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013, p. 13-39.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 2006.

HALLIDAY M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Great Britain: Hodder Arnold, 2004.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd (org) *Approaches to grammaticalization*. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues, Amsterdam: John Benjamins, 1991.

LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, dez de 2016, p. 83-101. ISSN 2238-975X 1. Disponível em <http://www.lettras.ufjr.br/poslinguistica/revistalinguistica>. Acesso em 15 jul. 2021.

LANGACKER, R. W. 1987. *Foundations of Cognitive Grammar*. Volume 1: Teoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)*, v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60_-2-0233.pdf

ROSÁRIO, I. C.; SANTOS, M. S. Construções hipotáticas oracionais aditivas de extensão. *Estudos da Lingua(gem)*. Vitória da Conquista - BA, v. 18, p. 45-64, 2000. Disponível em <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/download/6099/4945>

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TOLEDO y HUERTA, Á. S. O. *Los relacionantes locativos em la história del español*. Berlin/ Boston: CPI books GmbH, 2016.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford, Oxford University Press, 2013.

Recebido em 29/07/2021

Aceito em 01/02/2022

Publicado em 06/04/2022